



NECESSIDADES DOS CONSULENTES DE OBRAS LÉXICO-GRÁFICAS EM LIBRAS

Tania Aparecida Martins (UNIOESTE)¹
martitania.tm@gmail.com

Valdenir de Souza Pinheiro (UNIOESTE)²
prof.tils@gmail.com

RESUMO: Neste artigo, tem-se como objetivo analisar as contribuições da lexicografia e de obras lexicográficas para o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no contexto educacional bilíngue. A maioria dos materiais didáticos voltados ao ensino da Libras apresentam, além de informações linguísticas, um rol de sinais-palavras ou palavras-sinais organizados por categorias ou ordem alfabética na ordem da Língua Portuguesa. Para verificar quais seriam as contribuições desses materiais para os aprendizes iniciantes de Libras, selecionamos 06 obras impressas e colocamo-las à disposição juntamente com um questionário contendo 06 questões para 94 pessoas ouvintes aprendizes de Libras (acadêmicos e cursistas) em um Curso de Extensão Universitária, em um dos campi da Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Com os dados da pesquisa, observamos que em termos tipológicos o consulente faz algumas ressalvas as quais do ponto de vista de quem idealiza e elabora as obras nem sempre é contemplado. Nesse sentido, o foco investigativo dessa pesquisa diz respeito ao *modus operandi* tanto do usuário dessas obras quanto dos seus produtores.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia em Libras; Ensino de Libras, Materiais didáticos.

ABSTRACT: The objective of this paper was to analyze the contributions of lexicography and lexicographical works for teaching Libras in bilingual educational context. Most teaching materials aimed at teaching Libras present, in addition to linguistic information, a list of sign-words or words-sign arranged by categories or alphabetical order of the Portuguese language. To check what are the contributions of these materials for beginner learners Libras, we select 06 printed works and we provide together with a questionnaire containing 06 questions to 94 people listeners apprentices Libras (academic and teacher students), in a University Extension Course at one of the State University of Western Paraná campus. With the survey data noted that in typological terms the asker makes some caveats the point of view of who conceives and develops the work is not always necessary. Thus, the investigative focus of this research concerns the *modus operandi* of both the user of these works and their producers.

KEYWORDS: Lexicography in Libras; Libras teaching; Didact materials.

¹ Aluna da Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras, Área de Concentração em Linguagem e Sociedade, Nível de Doutorado, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Mestre em Letras/Linguística pela mesma universidade (2013). Professora Assistente na Unioeste. Membro dos Grupos de Estudos e Pesquisas PORLIBRAS e GEPEFOP - Grupo de Estudo e Pesquisas em Formação de Professores na linha de pesquisa: Ensino e aprendizagem da Libras. E-mail: martitania.tm@gmail.com

² Professor da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Mestrando em Letras/Linguística pelo Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL) – Unioeste. Membro dos Grupos de Estudos e Pesquisas PORLIBRAS e GEPEFOP - Grupo de Estudo e Pesquisas em Formação de Professores na linha de pesquisa: Ensino e aprendizagem da Libras. E-mail: prof.tils@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

A educação formal dos surdos no Brasil teve início no século XIX e, de lá para cá, passou por pelo menos três diferentes filosofias de ensino: Oralismo, Comunicação Total e Educação Bilíngue. Implantado no país em 1880, refletindo o que fora decidido no Congresso de Milão, o método oralista tinha por objetivo ensinar os surdos a falarem o Português, banindo de vez o uso de gestos ou sinais de qualquer natureza. Na verdade, não apenas implantou como também adotou medidas drásticas e de caráter punitivo contra aqueles – alunos surdos, professores e instituições – que porventura desrespeitassem as determinações impostas que, a essa altura, tinha força de lei (GOLDFELD, 2002).

A prática do oralismo se estendeu até mais ou menos o ano de 1970, dando-se aí o início da segunda grande transformação imposta ao sistema brasileiro de ensino e aprendizagem dos surdos, levada a cabo com a introdução no país de uma nova filosofia educacional, a Comunicação Total. Tal modelo previa que toda forma de comunicação gestual, alfabeto manual, linguagem oral, leitura labial, amplificação sonora e leitura e escrita pudessem ser utilizadas, visto que seu princípio básico era a comunicação e a interação, preferencialmente por meio da fala. Tendo vigorado por cerca de vinte anos, em meados de 1990, também esse sistema é abandonado, dando lugar ao que então passou ser chamado Educação Bilíngue, modelo que ainda vigora no país. Por essa proposta, os alunos deveriam aprender e usar concomitantemente o que seria a sua primeira língua, no nosso caso, a Libras, e o Português, como segunda língua, porém essa última apenas para fins de leitura e escrita. Considerado por muitos o modelo de ensino e aprendizagem que faltava para os surdos, a consequência mais imediata de sua implantação no Brasil foi uma corrida desenfreada, que segundo justificam, necessária para viabilizar a disseminação da Libras não só para os surdos propriamente ditos, mas também para seus familiares, professores e para todos aqueles que tivessem interesse em aprender a língua.



De uma língua quase morta, ressurgida como a fênix, os ventos a seu favor sopraram ainda mais fortes quando em 2002 veio a público a lei 10.436 que a tornava, conforme o trecho do artigo 1º, o “meio legal de comunicação e expressão” da comunidade surda brasileira, com a sua regulamentação ocorrida em dezembro de 2005, através do Decreto de n. 5.626. Com a regulamentação da Lei, a Libras passa ser considerada “como parte integrante dos Parâmetros curriculares Nacionais – PCNs” (Art. 4º da referida Lei), cabendo ao “sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal” (excerto do mesmo parágrafo), por meio de “cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior” garantirem a sua inclusão nos referidos PCNs, bem como a sua execução pelas instituições de ensino nos dois níveis, Básico e Superior. Com tal dispositivo, surge de imediato a necessidade da curricularização da Libras, bem como a necessidade de materiais didáticos, de forma subsidiar o ensino dessa nova disciplina.

Apesar de tais medidas estarem previstas em lei, o fato é que, até então, nem existe o currículo que, de todas as maneiras, serviria para nortear o ensino da Libras nas instituições e também não há material didático suficiente para apoiar o trabalho pedagógico de professores e orientadores educacionais. Na falta de tais instrumentos, cada um dos compromissados com a educação dos surdos tenta fazer a sua parte, do jeito que é possível. A situação é de tal ordem caótica que são inúmeras as críticas de especialistas às práticas que vêm sendo adotadas pelo país afora. Gesser (2012, p. 138), por exemplo, nos chama a atenção para o que considera ser um equívoco. Segundo a autora, ensinar Libras apenas por meio de vocabulário, como no geral vem sendo feito por muitos professores, não garante que o aprendiz se comunique ou tenha bom desempenho na língua. De fato, ela não deixa de ter razão no que diz. Contudo, até mesmo para esse fim, nem professores e nem alunos dispõem de recursos pedagógicos adequados, na medida em que também não existem dicionários de Libras para auxiliá-los. Pode-se aqui rebater que isso é uma inverdade. Mas, não. Imaginarmos que, porque existem disponíveis dicionários bilíngues Português → Libras, esse problema se resolve, isso, sim, não se sustenta. Com efeito, ainda que úteis, não atendem as



necessidades da grande maioria dos surdos brasileiros. Isso porque, para que o usuário possa encontrar um sinal nesses dicionários, ele precisará, necessariamente, se valer da língua portuguesa, o que, para esse grande contingente de pessoas, resulta num obstáculo, diríamos, intransponível, posto que, para eles, a língua portuguesa é totalmente desconhecida.

Incomodados com a extensão dos impactos provocados por esse problema, resolvemos então investigar mais a fundo qual ou quais seriam os dilemas enfrentados pelos estudantes surdos e ouvintes ao se valer dos dicionários “de Libras” que hoje existem para consultas. Considerando então que são eles, os alunos surdos, os mais afetados pela falta de material didático em Libras, convidamos para colaborem com a pesquisa alguns acadêmicos (todos ouvintes) dos cursos de Licenciatura em Letras, História, Geografia e Educação Física, que tinham em sua grade curricular a Libras como disciplina obrigatória. Além deles, contamos ainda com a participação de alunos do projeto “Comunicação sem Barreiras – Curso Profissionalizante de Libras” na modalidade de Extensão Universitária da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), o qual teve como objetivo, ao longo de dois anos, ensinar a Libras e preparar os cursistas surdos e ouvintes para os exames de proficiência realizados pela Federação Nacional de Educação e Integração do Surdos (FENEIS) e Centro de Apoio aos Profissionais da Educação de Surdos do Paraná (CAS-PR).

Ao todo, contribuíram com o nosso trabalho 94 estudantes. Dentre as muitas questões que permearam a investigação, duas delas se destacavam. A primeira, quais seriam, de fato, as contribuições desses materiais para os alunos surdos aprendizes de Libras? A outra, como esses estudantes realizavam suas buscas de um determinado sinal, uma vez que os dicionários e glossários utilizados por eles eram indexados pela ordem alfabética da Língua Portuguesa? Outro ponto ainda nessa última questão, diz respeito aos sinais que, em sua maioria, são representados de forma dimensional por figuras/imagens, fato que muitas vezes dificulta a compreensão e reprodução do sinal pelo estudante que ainda é leigo em Libras.



O artigo inicia com a apresentação de uma breve descrição acerca das obras lexicográficas mais usadas por professores e alunos no processo ensino-aprendizagem da Libras. Na sequência, não apenas apresentaremos os resultados obtidos com as nossas análises desse material, bem como apresentaremos obras analisadas nessa pesquisa, além da sistematização e investigação dos dados. O levantamento de dados junto aos consulentes das obras é apresentado na seção 4, seguida das análises e discussão dos dados. Por último, as considerações finais e referências.

2 OBRAS LEXICOGRÁFICAS VOLTADAS AO ENSINO E APRENDIZAGEM DA LIBRAS

De acordo com a literatura especializada (GAMA, 1875; FELIPE, 2000, 2001; CAPOVILLA & RAPHAEL, 2001; INES, 2007; TEMOTEO, 2012; SOFIATO & REILY, 2012, 2014, entre outros), os primeiros registros dos sinais da Libras tiveram início em meados do século XIX, mais especificamente em 1875, quando do lançamento daquele que seria então considerado o primeiro dicionário da língua. Trata-se da obra resultante do trabalho de um ex-aluno do, à época, Imperial Instituto dos Surdos-mudos, hoje conhecido e respeitado Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, Flausino José da Gama (doravante, apenas referido por da Gama). Fortemente influenciado pelo dicionário da Língua Francesa de Sinais (LFS), publicado por Pélissier em 1854, da Gama, surdo e hábil desenhista, com conhecimentos profundos de técnicas litográficas, não apenas registrou em papel o alfabeto manual, bem como cunhou 382 sinais, dos quais 54 ainda fazem parte do atual léxico da Libras (SOFIATO & REILY, 2012), originando assim o referido dicionário, intitulado *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*. Assim como fez Pélissier em sua obra, da Gama organizou os sinais distribuindo-os de acordo com os 13 campos temáticos que ele considerou em que os registros dos sinais não seguem a ordem alfabética da língua portuguesa. Tal organização tinha uma razão de ser. Ora, tanto para Pélissier na França, como para da Gama no Brasil, a ideia que prevalecia era não só disseminar a língua em



seus respectivos países, como também permitir que os ouvintes, notadamente professores e familiares dos surdos, se comunicassem com os surdos³. Tudo parecia seguir o seu curso normal, quando de repente o mundo se vê diante da imposição de um pequeno grupo de pessoas que, durante a realização do Congresso de Milão, como já mencionado antes, resolveu, à revelia, banir as línguas de sinais em seus territórios. Era o oralismo que chegava, com todos os rigores que lhe caracterizavam. Instalada a filosofia oralista no Brasil, também como já mencionado antes, os surdos e as instituições educacionais, mais particularmente, se viram forçados a aprender (os surdos) e ensinar (as instituições) a língua oral, majoritária, do país, o Português. Pode-se dizer que esse foi, sem dúvida alguma, um período nefasto, tanto para a comunidade surda brasileira, quanto para a sociedade. Somente em meados do século XX, que essa terrível situação começou a ser revertida.

Com a vinda dos Estados Unidos para o Brasil do padre Eugênio Oates, um missionário religioso que dedicava a sua vida aos mais necessitados, a Libras pode ser resgatada, sendo de novo permitido o seu uso em território nacional. Foi também por conta das andanças de Oates pelo país que novos sinais, até então desconhecidos fora da região brasileira onde vivia o grupo de surdos por Oates catequizados, puderam ser registrados, levando-o a publicar em 1969 o primeiro manual bilíngue (Português – Libras) voltado para o ensino religioso dos surdos, intitulado *Linguagem das Mãos*. Vale dizer que a elaboração desse manual, para além dos sinais coletados por Oates, sofreu fortes influências da ASL, em Português, Língua Americana de Sinais. Nesse manual foram registrados 1.280 sinais que, assim como também aconteceu com a obra de da Gama, foram distribuídos em 15 capítulos, cada qual contendo os sinais de um campo temático específico. Os acessos às entradas desse manual eram feitos a partir de palavras do Português, ordenadas alfabeticamente, com os sinais equivalentes representados por fotos do próprio Oates mostrando como cada um deles era sinalizado. De acordo com Felipe (2000, p.87), o dicionário de da Gama (1875) e o manual de

³ Importa esclarecer que a expressão **surdo-mudo**, por muito tempo usada para se referir às pessoas surdas, é hoje considerado um termo equivocado e não mais aceito, principalmente, por aqueles que não ouvem, mas se comunicam por uma língua de sinais. Recentemente, o termo **surdo-mudo** foi revisto e substituído por outros termos, tais como deficientes auditivos ou simplesmente **Surdos** (ROCHA, 2007).



Oates (1969) foram durante décadas, o material didático utilizado pelos instrutores surdos para ensinarem sua língua [...].

Além do manual de Oates, ainda no século XX, foram publicadas mais oito obras: (i) *Linguagem das Mãos* (OATES, 1969); (ii) *Comunicação Total, 1º ed. do livro Comunicando com as Mãos* (PETERSON, 1981); (iii) *Linguagem de Sinais do Brasil* (HARRY, OATES; HOEMANN, 1983); (iv) *Aprendendo a Comunicar* (PETERSON; ENSMINGER, 1984); (v) *Comunicando com as Mãos* (PETERSON; ENSMINGER, 1987); (vi) *Manual de Sinais bíblicos: O Clamor do Silêncio* (MENIS; LINS, 1991); (vii) *Linguagem de Sinais* (TESTEMUNHAS DE JEOVÁ, 1992); *Manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em rede para surdos* (CAPOVILLA & RAPHAEL; MACEDO, 1998). Dessas, as sete primeiras tinham por finalidade registrar sinais religiosos; somente a última tinha objetivos pedagógicos.

No século XXI, principalmente a partir da oficialização da Libras (Lei 10.436/02), novos impulsos foram dados para o florescimento e consolidação da Libras como língua. Vários manuais e livros com informações linguísticas da língua já foram e vêm sendo publicados. Embora mantenham o compromisso com a elaboração de produtos bilíngues, as obras avançam em vários aspectos, quando comparadas àquelas publicadas no século passado. Dentre os avanços, citamos: ilustrações contendo sinal-palavra, explicações sobre a forma de sinalizar, uso de índices remissivos (ordenados alfabeticamente), descrições (em Português) dos significados assumidos pelos sinais, etc. Avançam ainda porque, se no século XX a finalidade das publicações era tipicamente religiosa, as de agora tem objetivos claramente pedagógicos.

Além de material impresso, vivemos um período onde tecnologias de ponta são, cada vez mais, exploradas. O desenvolvimento de aplicativos educacionais como o Hand Talk, o ProDeaf, o Librazuka dentre outros, o uso de *blogs* e sites com glossários de sinais terminológicos (<http://geografiaemlibras.blogspot.com.br/>, <http://politicaemlibras.blogspot.com.br/>, <http://www.glossariolibrasportugues.com.br/>) e os muitos dicionários eletrônicos que hoje existem (LIRA & SOUZA, 2005, 211; Glossário Libras da UFSC, ProDeaf Web) são exemplos de um movimento que muitos



benefícios têm trazido tanto para a comunidade surda brasileira, quanto para as instituições de ensino e professores, apenas para citarmos alguns. Dos impressos e considerado o mais completo, cita-se o *Deit – Libras Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais*. De autoria de Capovilla & Raphael (2001), como resultado de uma extensa pesquisa com a participação de vários informantes surdos, oriundos de principalmente de associações de surdos e da FENEIS (Federação Nacional de Educação e integrações dos Surdos), a primeira edição foi publicada em 2001, em dois volumes, o volume I contendo palavras de A a H e o volume II, de I a Z. O dicionário registra 9.500 verbetes, tanto em Português quanto em Inglês, aos quais estão associados os sinais da Libras que os representam. Cada sinal é ilustrado de acordo com a morfologia das línguas de sinais, isto é, os cinco parâmetros: Configuração das Mãos, Pontos de Articulação e/ou Locação, Orientação da Palma das Palmas das Mãos, Movimento, Expressões Não-Manuais (STOKOE, 1960; KLIMA&BELLUGI, 1979; LIDDELL&JOHNSON, 1989).

O Dicionário produzido por Fernando César Capovilla e seus colaboradores foi um marco na lexicografia da Libras. *Novo Deit-Libras Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais* (CAPOVILLA&RAPHAEL; MAURÍCIO, 2012), tem sua segunda edição revista publicada em 2012 segue os mesmos padrões da primeira, porém com um registro de 10.296 sinais traz mudanças em algumas ilustrações e ordem dos significados. Apesar de ser uma obra grandiosa, tem sido pouco utilizada por professores surdos e por estudantes de Libras, isso devido alguns fatores como: a indexação segue a ordem alfabética da Língua Portuguesa nem sempre atende ao consulente surdo; outro fator pode estar relacionado aos poucos exemplares disponíveis nas bibliotecas, geralmente catalogadas somente para consulta local; o valor para aquisição e o seu peso que também pode dificultar o transporte e o manuseio.



3 APRESENTAÇÃO DAS OBRAS ANALISADAS

Para as análises e discussões, consideramos seis obras, a saber: *Falando com as Mãos* - (STROBEL, 1998), obra surgida na época em que a Libras foi reconhecida e oficializada como língua no Paraná (Lei 12.095/98); *Curso de Libras 1* (QUADROS&PIMENTA, 2006); *Livro ilustrado da Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez* (HONORA&FRIZANCO, 2009 e 2010); *Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez*. (VELOSO&MAIA, 2009. Vol. 1 e 2) e *LIBRAS aprender está em suas mãos*. (STREIECHEN, 2013). Vale ressaltar que dentre as obras analisadas, o *Deit-Libras* foi disponibilizado pela professora aos alunos surdos participantes do projeto, e as demais foram selecionadas e sugeridas pelos alunos ouvintes. Esse conjunto de obras refere-se aos procedimentos e metodologias de ensino da Libras, destinadas aos professores e estudantes da língua.

As dificuldades que muitos professores de Libras enfrentam para lecionar tanto para alunos surdos quanto para ouvintes se devem, em geral, à falta de métodos e instrumentos didáticos adequados, dentre eles um dicionário de Libras que de fato seja acessível para ambos os estudantes. Muitos elementos nos permitem afirmar que o bom uso de dicionários em sala de aula de Libras, contribuem muito para o desenvolvimento da competência lexical em ambas as línguas Libras e Língua Portuguesa.

Partindo da hipótese de que há grande defasagem no que diz respeito à quantidade e qualidade de material didático específico para o ensino da Libras, o objetivo central neste trabalho é mostrar a importância de se usar dicionários e glossários de Libras, como meio de favorecer a promoção do ensino e aprendizagem da Libras tanto para o surdo quanto para o ouvinte.


A partir da metodologia de trabalho baseada em análises de materiais didáticos e ainda observações e entrevistas, atingimos um dos objetivos específicos: desenvolvemos alguns procedimentos didáticos, mostrando como os dicionários e glossários podem contribuir para a aprendizagem dos ouvintes e a compreensão dos

surdos em relação aos aspectos da Libras, normalmente percebidos pela iconicidade que a língua traz. Para tanto, principalmente para os cursistas surdos, foi selecionado o Deit-Libras de 2001 e 2012 com o propósito de ampliar os vocabulários e conceitos da Libras e da LP.

Enfim, as análises dos meios para o uso dos dicionários e glossários de Libras já disponíveis e em circulação, possibilitou oferecer aos alunos surdos e ouvintes aprendizes de Libras acesso aos materiais existentes, apesar de ainda poucos são importantes nos contextos de aprendizagem da Libras.

No quadro 01 abaixo, apresentamos os materiais utilizados nessa pesquisa, cada um contém informações sobre a capa, o autor, a editora, informações complementares, os objetivos, a organização e a estrutura das obras utilizadas, que daqui em diante serão referidas na sequência como: A, B, C, D, E e F:

Quadro 01: Dados gerais das obras consultadas:

Capa/ Autor(a)/ Editora/ Ano e informações sobre os autores	Informações gerais sobre a macro e microestrutura da obra
<p>A.</p>  <p>Elaboração/Ilustração – Karin Lilian Strobel (Profa. Surda). Editora – SEEDPR, 1998. Curitiba, PR.</p> <p>Informações complementares:</p>	<p>Objetivos da obra: Apoiar os diferentes profissionais da área da surdez, que estão realizando as primeiras aproximações com a língua de sinais.</p> <p>Organização e estrutura: Os sinais são registrados por ilustrações, inicia com o alfabeto manual e segue a indexação por ordem alfabética a partir de 51 categorias semânticas representadas por sinal-palavra. Contém 180 páginas registrando 1.440 sinais com o respectivo vocabulário correspondente na Língua Portuguesa - LP. A figura 01 abaixo exemplifica a estrutura do material apresentado:</p>

Atualmente **Karin Lilian Strobel** é doutora na área de Educação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), onde também é professora no Curso de Letras Libras.

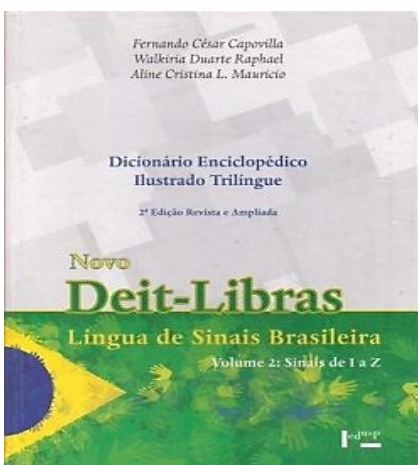
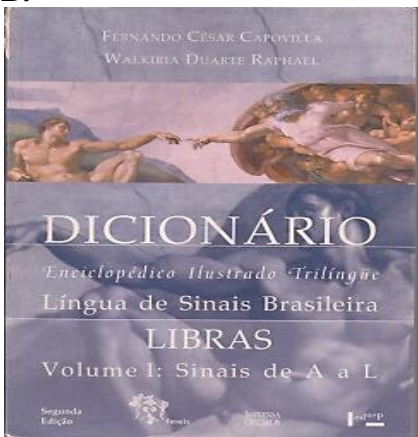
O livro foi prefaciado por pelo professor Antônio Campos de Abreu (historiador surdo, na época era o presidente da Feneis – Federação Nacional de Educação e Integração do Surdo).

Fig. 01- Estrutura do material - Falando com as Mãos



Fonte: Strobel, (1998, p. 51)⁵¹

B.



Capovilla & Raphael (2001), Vol. I e II. 2ª ed. Editora Edusp. São Paulo, SP.

Objetivos da obra: De acordo com os autores (2001) “objetiva ser instrumento para a concretização da educação bilíngue no Brasil e o resgate da cidadania do surdo brasileiro”. Além de: contribuir com a **lexicografia** dos sinais e a cultura surda como um todo; apresentar um novo paradigma na dicionarização das línguas de sinais; auxiliar a organização de manuais e uso de Libras e de aulas temáticas em cursos de Libras ministrados por professores surdos e alunos surdos e ouvintes. (CAPOVILLA et. al., 2012, p. 21, 2.635).

Organização e estrutura: A 1ª edição (2001) é composta por 9.500 verbetes e a 2ª com 10.296 verbetes. A indexação segue a ordem alfabética da LP, a partir da *→imagem→sinal→escrita do sinal→soletração manual do signo→palavra em inglês→significado em inglês→significado em português→descrição sobre como realizar o sinal*. Alguns sinais são acompanhados da etimologia, da morfologia e da sigla dos estados brasileiros onde são mais utilizados. O volume 1 de A – H conta com 1.401 páginas e o volume 2 de I- Z com 2.759 páginas. O vol. 1 inicialmente apresenta a macroestrutura do dicionário. No vol. 2 as p. 2.544 - 2.633 são compostas por um ‘subdicionário’ inglês – português contendo 13.757 entradas em inglês com a

Capovilla, et. al. (2012), Vol. I e II. Editora Edusp. São Paulo, SP.

Fernando César Capovilla é Psicólogo, Ph.D. em Psicologia Experimental pela *Temple University of Philadelphia* (1989), desde 2000 é livre docente em Neuropsicologia na USP. Tem um vasto currículo nacional e internacional. É não surdo.

Walquíria Duarte Raphael é Psicóloga e mestre em Psicologia Experimental e Supervisora de Equipe e Pesquisadora do Laboratório de Neuropsicolinguística Cognitiva Experimental (Lance) do IPUSP. É co-autora de vários trabalhos na área da surdez. É não surda.

Aline C. L. Maurício Mestre e doutora em Psicologia Experimental pelo IP-USP, pesquisadora no Lance e professora do Centro Universitário UniSant'anna. Autora e co-autora de diversos trabalhos na área da surdez.

Esta obra foi prefaciada por Oliver Sacks em Nova Iorque, jan. de 2000.

palavra correspondente em português. Nas páginas 2.535 à 2.676 são apresentados o conteúdo semântico dos sinais em Libras (escrito em LP). Nas páginas 2.677 à 2.753 seguem as referências e por fim apresenta o apêndice com a Lei 10.436/02 e o Decreto 5.626/05. O valor para aquisição é de aproximadamente R\$220,00 e o seu peso é de 5828g. A figura 02 abaixo representa a estrutura deste dicionário:

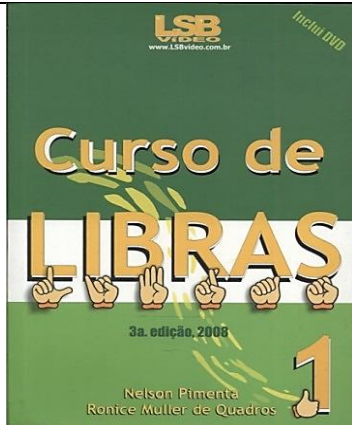
Fig. 02 - Representação da estrutura do dicionário impresso



Fonte: Capovilla, et. al., (2012, p.369).

C.

Objetivos da obra: “Oferecer um material que contemple diferentes áreas do processo de ensino de segunda língua, partindo de temáticas norteadoras em cada unidade” (PIMENTA; QUADROS, 2008, p. 01). Promover um ensino de modo a não restringir à língua de sinais, mas também oferecer informações sobre cultura, identidade e o mundo dos surdos.



Pimenta & Quadros (2008). 3ª ed. Editora LSB Vídeo. Rio de Janeiro, RJ.

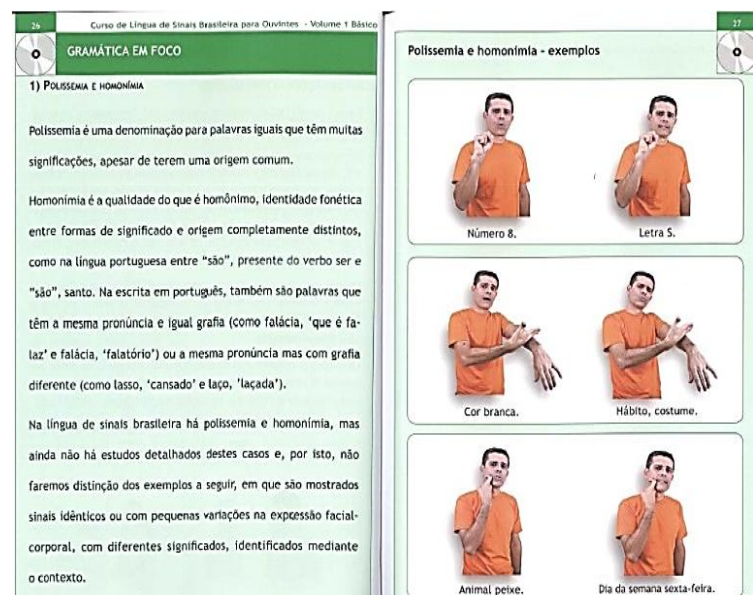
Informações complementares:

Nelson Pimenta é ator, pesquisador e professor de teatro e de língua de sinais (surdo).

Ronice Muller de Quadros é professora Dra. na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-doutorado na University of Connecticut e Gallaudet University em. É não surda, filha de pais surdos (CODA - Child of Deaf Adults). Tem um vasto currículo com pesquisas voltadas para a área da surdez

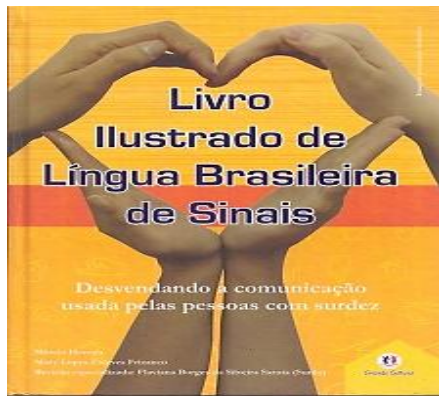
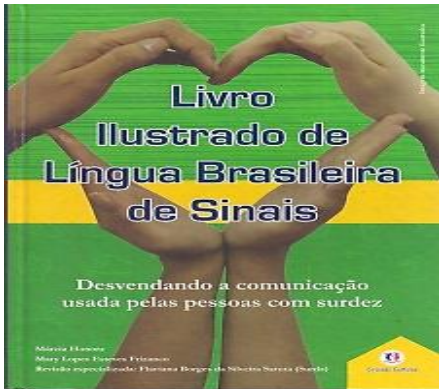
Organização e estrutura: O curso está organizado em quatro níveis de ensino, sendo um para cada volume (Nível 1- Iniciante; Nível 2 - Básico; Nível 3 – Intermediário e Nível 4 – Avançado) acompanha um DVD para cada nível. O Nível 1 é composto por 106 páginas, está organizado em 12 unidades, cada uma com cinco etapas de aprendizado: *Informações interessantes, gramática da língua de sinais, compreensão e produção em sinais, conversação e jogos*. Em cada unidade também são apresentados o tema e o objetivo. As lições são contextualizadas, com exercícios, diálogos e explicações. Os registros dos sinais são por meio de foto dos próprios autores, além de várias imagens relativas aos temas abordados. Após a explicação em LP, os sinais são apresentados juntamente com a palavra em português com a finalidade de exemplificar e mostrar para o leitor como o signo é produzido, no entanto a representação dos sinais não ocorre em todas as páginas. A figura 3, abaixo, traz explicação sobre um dos itens gramatical relativo à polissemia e homonímia na Libras:

Fig. 03 - Representação da polissemia e homonímia em Libras



Pimenta & Quadros (2008, p. 26 - 27).

D.



Honora & Frizanco (2009, 2010). Editora Ciranda Cultural. São Paulo, SP.

Informações complementares:

Márcia Honora fonoaudióloga (PUC – Pontifícia Universidade Católica) e mestre em educação (UNICID – Universidade Cidade de São Paulo). É professora universitária e escritora de livros infantis e pedagógicos. É não surda.

Mary Lopes Esteves Frizanco é pedagoga e psicopedagoga da educação especial (Universidade Metodista). É professora de inclusão na rede municipal de Santo André e professora

Objetivos da obra: A fim de minimizar as barreiras comunicativas existentes entre surdos e ouvintes, o livro foi organizado como meio para favorecer e elucidar o conhecimento da Libras para pessoas com formação em diferentes áreas, porém em comum com o desejo de aprender a Libras.

Organização e estrutura: O volume 1 é composto por 352 p. e o vol. 2 por 335 p., ambos os volumes traz, inicialmente, informações linguísticas acerca da estrutura da Libras e aspectos legais. A partir da apresentação do alfabeto manual, os sinais são organizados por categorias semânticas, com a indexação em LP, que correspondem a 28 no vol. 1 e a 30 no vol. 2. Ao final de cada volume é apresentado um índice remissivo por palavras correspondentes aos sinais, na ordem alfabética da LP. A estrutura corresponde a seguinte representação: sinal→imagem nomeada em português→descrição dos parâmetros para a realização do respectivo sinal, conforme exemplificada na figura 04 abaixo:

Fig. 04 - Representação da organização dos sinais nos vols. 1 e 2

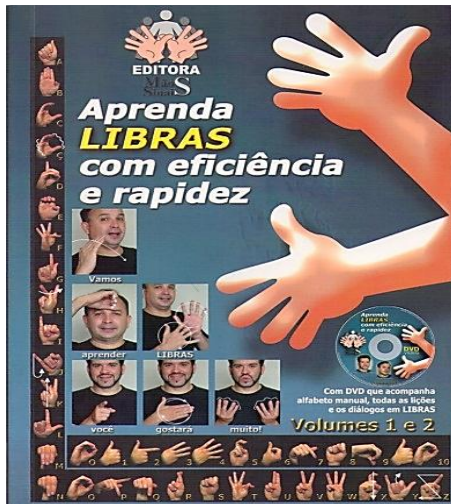
	GENRO 	CM: mão direita em "G" com palma para baixo e dedo indicador apontado para a esquerda PA: tocando o peito do lado esquerdo M: balançar duas vezes o dedo indicador O: para cima e para baixo
	HOMEM 	CM: mão direita em "C", palma para cima PA: tocando abaixo do queixo M: afastar O: para baixo
	IRMÃ 	Fazer o sinal de mulher (p. 77) e, em seguida: CM: mãos em "D", palmas para baixo, dedos apontando para a frente PA: à frente M: alternado O: para a frente e para trás
	IRMÃO 	Fazer o sinal de homem (p. 75) e, em seguida: CM: mãos em "D", palmas para baixo, dedos apontando para a frente PA: à frente M: alternado O: para a frente e para trás
	JOVEM 	CM: mãos abertas com palma para cima PA: à frente M: curvar os dedos O: para dentro

universitária. Também é escritora de livros pedagógicos voltados a inclusão de pessoas com deficiência.

O vol. 2 foi prefaciado pelo professor Neivaldo Augusto Zovico. Professor Surdo, militante na divulgação da Libras e acessibilidade.

Honora & Frizanco (2009, p. 75).

E.



Veloso & Maia (2009) 1ª ed. Vol. 1 e 2. (Profs. Surdos). Editora Mãos Siniais. Curitiba, PR.

Éden Veloso é licenciado em Letras Libras e especialista em Libras. Atua como professor de Libras em cursos de especialização na área da surdez. (Surdo).

Valdeci Maia trabalha como instrutor no ensino da Libras para grupos de ouvintes.

Os volumes 1 e 2 foram prefaciados pela profa. Dra. Karin Lilian Strobel.

Objetivos da obra: Adquirir noções e identificar os conceitos básicos relacionados à Libras, compreender o que ela é e saber da sua importância na formação das pessoas surdas. Tornar o indivíduo preocupado com a inclusão social, conhecendo a cultura surda, bem como a importância desta língua para a comunidade surda.

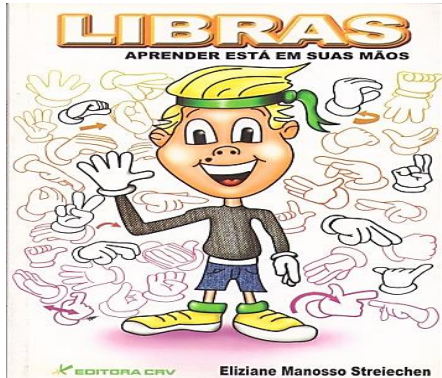
Organização e estrutura: O livro é composto por 228 páginas, até a página 50 traz informações técnicas, linguísticas e históricas sobre a Libras e a comunidade surda. Na sequência seguem alfabeto manual, os números cardinais e ordinais. Todos os aproximadamente 1.200 sinais são representados por fotos dos próprios autores. Acompanhado de um DVD, este livro é composto por 12 lições, cada lição é sistematizada por categorias semânticas, somando ao todo 44 categorias, e de acordo com os autores contém os sinais mais usados no dia a dia (p. 52). Ao final de cada lição há um diálogo correspondente aos vocábulos em cada unidade, além de várias atividades. Ao final segue um índice remissivo dos sinais apresentados conforme a sequência alfabética da LP. A fig. 05 a seguir representa a estrutura desta obra:

fig. 05 – Organização dos itens lexicais



Fonte: Veloso & Maia (2009, p. 100 - 101).

F.



Streichen (2013). Editora CRV. Curitiba, PR.

Eliziane Manosso Streichen é licenciada em Português/Inglês, bacharel em Letras Libras, mestre em educação pela UNICENTRO (Universidade Estadual do Centro-Oeste) - Guarapuava – Pr, e doutora em educação pela UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa) – Paraná. É docente do departamento de Letras da UNICENTRO, Campus de Irati/PR.

Objetivos da obra: Apoiar a aquisição de noções básicas sobre a Libras e da cultura, identidade e inclusão das pessoas surdas.

Organização e estrutura: O livro está organizado em dez capítulos, apresenta informações acerca da história dos surdos, sobre o que é Libras, os aspectos linguísticos que compõem a estrutura da Libras e a inclusão do aluno surdo e atuação do tradutor e intérprete de Libras no contexto educacional. Para tanto, faz uso de figuras e fotos (da autora) para representar a constituição e reprodução dos sinais em questão, segue a ordem palavra → sinal. Estão registrados aproximadamente 207 figuras e 23 fotos. As figuras 06 e 07 abaixo representam o registro de alguns sinais usados para explicar a ocorrência de pronomes interrogativos (fig. 06) e a marcação da intensidade (fig. 07).

Fig. 06 - Representação dos Pronomes interrogativos

4.4 Pronomes interrogativos

Os pronomes interrogativos caracterizam-se pelo uso simultâneo das expressões faciais com os sinais e, em alguns casos, incorporam advérbios de tempo.

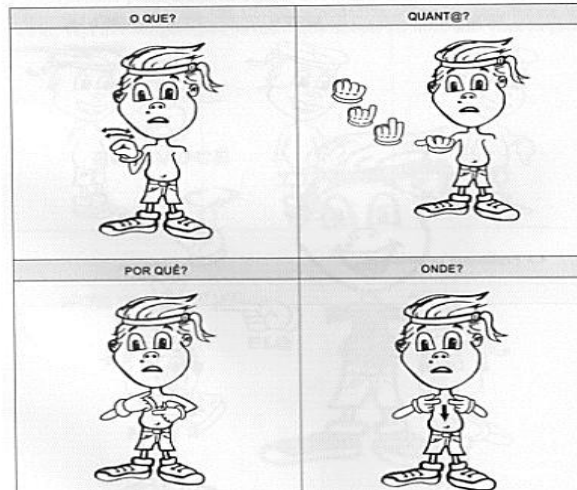
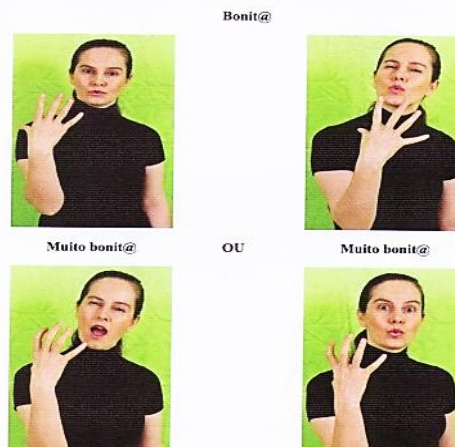


Fig. 07 - Representação da Marcação de intensidade.

LIBRAS: aprender está em suas mãos

79

Já no exemplo a seguir, a marcação de intensidade apresenta modificações na configuração de mão. Observe, também, que a expressão facial vai se acentuando de acordo com a intensidade:



Fonte: Streiechen (2013, p. 60 - 79).

Fonte: quadro 01 elaborado pelos autores (2018).

Os registros encontrados nos permitem analisar que devido ao seu caráter de dicionário semibilíngue, apenas no *Deit-Libras* encontramos a informação sobre a contribuição da lexicografia na organização dos itens lexicais. No entanto, a maioria das obras aqui apresentadas segue uma sistematização lexicográfica com uma proposta unidirecional e semibilíngue, pois não só contemplam o estudante quanto à segunda língua que está aprendendo, mas também incluem a sua língua materna, o que nos faz



compreender que essas obras apresentam uma proposta híbrida para o ensino da Libras e oferecem algumas vantagens ao aprendiz, uma vez que as informações mais utilizadas em uma comunicação básica são fornecidas em ambas as línguas.

Nas seis obras consultadas e analisadas, podemos destacar o grande número de ilustrações ou fotos com a finalidade de representar os sinais, muitas vezes associado a uma explicação descrevendo para o usuário como os sinais são realizados. É notável, na maioria das obras, que essa preocupação dos autores concentrada em explicar a prática dos sinais, faz com que grande parte deles deixem de registrar os sentidos das palavras/sinais, isto é, apenas catalogam o sinal → palavra em português, ou vice-versa. Das obras consultadas, dois volumes acompanham um DVD contendo a realização dos sinais por meio de vídeos e atividades com o intuito de que o aprendiz possa praticar determinados recursos linguísticos como: organização e produção dos parâmetros que formam os sinais, produção e direção dos verbos, reprodução e elaboração de enunciados, práticas de diálogos, entre outros. Também vale destacar que por serem quase em sua totalidade ilustrados, os dicionários e livros didáticos da Libras se diferenciam dos dicionários e materiais de línguas orais.

Em relação ao registro dos sinais por meio de imagens, que de fato são essenciais devido sua finalidade de instrução, isto é, o usuário se dirige a esse recurso visual na tentativa de reproduzir determinado sinal, por isso há uma necessidade que tais imagens sejam o mais real possível. No entanto, representar uma língua tridimensional, cujas características e especificidades são devidas a sua modalidade visual, gestual e espacial, tem sido uma tarefa muito árdua para seus ilustradores ou fotógrafos quando se trata de representar os sinais em um plano dimensional. Sofiato & Reily (2014, p. 121) afirmam que “passar do plano tridimensional para o plano bidimensional exige o uso de técnicas próprias para a área do desenho e da fotografia”. Para as autoras, os ilustradores ou fotógrafos de materiais de Libras buscam soluções no uso de recursos gráficos que, “acoplados à imagem, teriam a finalidade de elucidar a direção e a qualidade do movimento. Com isso, além dos apontamentos de Sofiato & Reily (2014), também consideramos importante que os ilustradores e autores dessas obras devem estar atentos para os seguintes aspectos fonológicos e morfológicos da Libras quanto à:

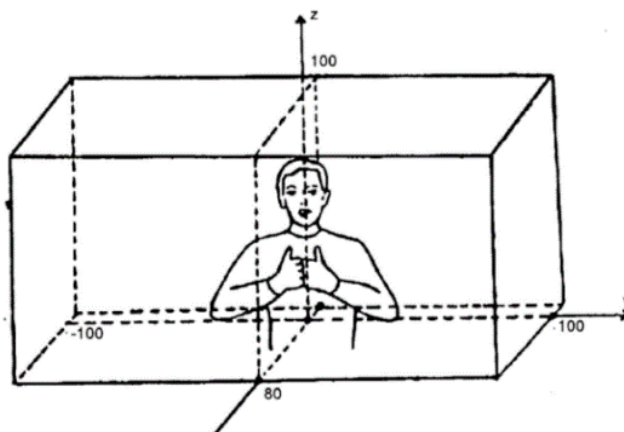
a) clareza da configuração da mão, indicação da direção da palma de uma ou ambas as mãos, posição e articulação dos dedos, objetividade na representação da sequencialidade dos sinais que iniciam com uma configuração e termina com outra. Para Ferreira Brito (1995, p. 221) “a configuração de mão pode permanecer a mesma durante a realização de um sinal, ou pode ser alterada, passando neste caso, de uma configuração estática para outra”.

b) a locação ou ponto de articulação onde o sinal será realizado deve ter uma indicação precisa, pois os sinais podem ser ancorados ao corpo e ter como ponto de locação: acima da cabeça, a cabeça, a face, a testa, a fronte, a bochecha, a boca, o nariz, o queixo, o buço, os olhos, as sobrancelhas, a orelha, o pescoço, o cabelo, o tórax (laterais e meio), o ombro, o braço, o antebraço, o cotovelo, dorso da mão, palma da mão, os dedos, o abdome, o quadril. Alguns sinais também são realizados no espaço neutro frente ao corpo. Todos os sinais são realizados dentro de um determinado espaço, e de acordo com os estudos de Ferreira Brito em coautoria com Remi Langevin (1995), a partir das coordenadas matemáticas de Descartes foi definido o espaço onde os sinais são realizados, a saber: a) plano x o y (determinado pelos eixos x e y); b) plano x o z (determinado pelos eixos x e z); c) plano y e z (determinado pelos eixos y e z). De acordo com os autores,

Os sinais da Libras são realizados em um espaço que vai da cintura até um ponto logo acima da cabeça e que forma um paralelepípedo com a horizontal, tendo uma distância entre a mão direita e a esquerda estendidas para a direita e para a esquerda, respectivamente. Esse espaço de localização dos sinais, ao qual atribuímos o nome de triedro egocêntrico é o paralelepípedo. (FERREIRA BRITO, 1995, p.72-73).

O espaço enunciador da Libras é chamado por Ferreira Brito (1995, p.73) de *triedro egocêntrico*, sendo “nesse espaço que os sinais das línguas gestuais-visuais ou visuais-espaciais são geralmente realizados”, conforme ilustrado na figura 08 abaixo:

Figura 08: Representação do *triedro egocêntrico* – espaço enunciativo para a realização dos sinais:



Fonte: extraído de Ferreira Brito (1995, p.73).

c) O movimento, esse é um dos recursos fonológicos usado em aproximadamente 95% do léxico da Libras, podendo ser retilíneo, circular, semicircular, angular, sinuoso e helicoidal na realização dos sinais. Conforme Ferreira Brito (1995), a velocidade é uma das características do movimento, pois é ela que expressa a distância em relação ao tempo, podendo ainda apresentar algumas variações nomeadas por Ferreira Brito como: tensão, retenção, continuidade e refreamento. O movimento também tem a função de marcar o advérbio de modo, e em alguns casos a reduplicação de um sinal poderá transformar um substantivo em um verbo, por exemplo, para VASSOURA o movimento é realizado 1X, enquanto para VARRER o movimento é reduplicado, ou seja, realizado 2X ou mais, dependendo da intensidade e contexto que o interlocutor está usando o verbo.

d) A expressão facial, é de consenso por parte dos pesquisadores da área (FERREIRA BRITO, 1995; QUADROS, 2004; GESSER, 2009) que esse é um elemento gramatical de grande importância que compõem a estrutura da Libras, e de acordo com nossas observações também é um item que impõem dificuldades para serem registrados em um plano dimensional. São mais comuns nas obras que registram os sinais por meio de fotos. As expressões são mais marcadas nas bochechas, sendo infladas ou sugadas, nos olhos arregalados ou semiabertos, na testa franzida, nos lábios,



entre outros. Muitas vezes as expressões faciais e corporais têm a função prosódica em Libras.

Todos esses aspectos que apontamos até agora são imprescindíveis para que um sinal seja realizado de modo compreensível e correto. No entanto, muitos autores ainda buscam meios para aprimorar os registros dos movimentos e expressões faciais, e na falta desses recursos, alguns autores lançam mão da descrição sobre como o sinal deverá ser realizado, a exemplo das obras B (Dicionário Deit Libras) e D (Livro ilustrado da Libras). Nesses casos, a hibridização tenta auxiliar a compreensão do leitor, isto é, primeiro representa o sinal e na sequência ao lado ou abaixo (conforme escolha do autor) segue a descrição detalhando cada parâmetro. Na seção seguinte apresentamos algumas observações dos aprendizes de Libras em relação às obras analisadas.

4 LEVANTAMENTOS DE DADOS JUNTO AOS CONSULENTES DAS OBRAS

4.2.1 Encaminhamentos metodológicos

Essa etapa da pesquisa considera alguns aspectos que nortearam a coleta das informações obtidas, tais como: (i) verificou-se como os materiais didáticos voltados ao ensino da Libras, como segunda língua, estão sendo organizados e pensados para os aprendizes iniciantes; (ii) foi analisado como a lexicografia está sendo inserida na elaboração de materiais didáticos; (iii) foram investigados os recursos oferecidos nas obras e contrastar com as respostas dos aprendizes, a fim de realizar um levantamento de itens que possam sugerir melhorias; (iv) verificou-se qual o interesse do consulente não surdo ao consultar um dicionário ou verbetes em Libras; (v) os dados coletados foram analisados como pistas metodológicas para a elaboração de novos materiais.

Para isso, com base nas observações de materiais que os estudantes de Libras levavam para o curso de Extensão ou para as aulas da disciplina de Libras, previamente realizamos um levantamento bibliográfico e selecionamos as obras impressas, mais



utilizadas por esse grupo. Ressaltamos que as obras selecionadas são as citadas no quadro 01 apresentado na seção anterior.

Em relação aos sujeitos da pesquisa, optamos por coletar dados de acadêmicos e cursistas no decorrer dos anos de 2015 a 2016 no *Campi* da Unioeste em Marechal Cândido Rondon. Participaram desta pesquisa: 28 acadêmicos do 1º ano do curso de Educação Física, 12 acadêmicos do 4º ano do curso de Geografia, 29 acadêmicos do 3º ano do curso de Letras e 25 cursistas iniciantes do Curso de Extensão – Libras Profissionalizante, turma 2014/2016, totalizando 94 participantes.

Feito isso, outra etapa realizada no decorrer do ano, foi levar os materiais para aula de Libras em cada uma das turmas. Cada aluno deveria folhear cada obra e responder a seis perguntas entregues, individualmente:

1. Quanto à compreensão no registro dos sinais ilustrados, foi possível reproduzir os sinais somente observando a imagem?
2. Quanto à compreensão no registro dos sinais fotografados, foi possível reproduzir os sinais somente observando a imagem?
3. A partir da descrição sobre como configurar, posicionar e movimentar as mãos para a formação do sinal foi possível reproduzir os sinais a partir da explicação dada?
4. Você encontrou sinais para todas as palavras que pretendia buscar?
5. Quanto ao número de vocábulos, você considera amplo ou restrito?
6. Quais suas considerações sobre as informações linguísticas para os aprendizes de Libras?

Concluída essa etapa, o próximo passo foi sistematizar os dados a partir das respostas fornecidas pelos participantes da pesquisa, conforme apresentado no quadro 02 a seguir:

Quadro 02: Sistematização dos dados fornecidos nas respostas dos consulentes:

Questões respondidas pelos informantes	Dados obtidos das respostas
----------------------------------------	-----------------------------



1- Quanto à compreensão no registro dos sinais ilustrados, foi possível reproduzir os sinais somente observando a imagem?	83 acadêmicos responderam que não conseguem compreender os desenhos, mesmo quando estão acompanhados das explicações; 07 responderam que o posicionamento das setas dificulta a compreensão do movimento. 04 disseram que é possível realizar o sinal somente se houver a explicação.
2- Quanto à compreensão no registro dos sinais fotografados, foi possível reproduzir os sinais somente observando a imagem?	Todos alegaram que as fotos são mais compreensíveis do que as ilustrações. No entanto, 58 afirmaram que as setas não deixam claro o tipo de movimento. 15 apontaram que um dos livros traz as fotos dos sinais sem nenhuma indicação de movimento, dificultando muito a compreensão e reprodução dos mesmos.
3- A partir da descrição sobre como configurar, posicionar e movimentar as mãos para a formação do sinal foi possível reproduzir os sinais a partir da explicação dada?	38 disseram que a locação do sinal é mais fácil de perceber, muitas vezes a forma da mão não fica clara e o movimento muito difícil para entender. 13 afirmam que não conseguiram realizar nenhum sinal. 27 não compreenderam os sinais que iniciam com uma configuração e terminam com outra. 16 afirmam que sem orientação do professor não conseguem realizar os sinais, pois não entendem as formas de mãos, o posicionamento, movimento sem que seja esclarecido verbalmente ou realizado pelo professor como modelo.
4- Você encontrou sinais para todas as palavras que pretendia buscar?	52 disseram que não. 19 informaram que inicialmente buscavam apenas sinais de palavras (substantivos) concretas (os), pois não imaginavam que a Libras pudesse representar tantos vocabulários abstratos. Este grupo mostrou-se surpreso. 23 afirmaram que sim.
5- Quanto ao número de vocábulos, você considera amplo ou restrito?	31 consideraram o número de vocábulos suficiente para iniciante desta língua. 47 consideraram Libras uma língua difícil para aprender, pois tem muitos sinais. 10 questionaram o fato de um mesmo sinal ter diferentes registros dependendo do material.

	06 não opinaram.
6- Quais suas considerações sobre as informações linguísticas para os aprendizes de Libras?	Os acadêmicos de Letras foram unânimes em afirmar sobre a importância das informações linguísticas, pois a relação com a língua portuguesa facilita entender como determinado conceito se realiza em Libras. Para os acadêmicos de Ed. Física não é relevante, pois a linguagem usada pode complicar a aprendizagem dos sinais. Os acadêmicos de Geografia compreendem a importância, mas ressaltam que é preciso verificar a linguagem e o público que quer atender. Para os cursistas é muito importante tal informação, uma vez que estão se preparando para futuras bancas de proficiência para tradução e interpretação da Libras.
SUGESTÕES INDICADAS PELOS SUJEITOS DA PESQUISA:	
<ul style="list-style-type: none"> - Iniciar o material explicando como ocorre o movimento de cada seta; - Usar mais fotos do que desenhos; - Explicar o contexto em que determinado sinal é usado. Por exemplo, COMBINAR (roupa), COMBINAR (compromisso), VAMOS-COMBINAR (ação futura). - Material com exercícios com clareza na explicação da execução. - Separar os sinais por grupos: os que são realizados com as duas mãos no espaço; os que começam com uma configuração e termina com outra; os que têm uma das mãos como apoio. - Usar uma linguagem mais simples. - “Pensar em um material que, de fato, atenda a pessoa que não sabe nada de Libras, mas quer aprender”. 	

Fonte: quadro elaborado pelos pesquisadores (2018) com base nos dados coletados.

4.2.2 Análise e discussão dos dados

A adoção de dicionários e materiais para os estudos da Libras, tanto por parte do estudante quanto do professor, ocorre com a finalidade de além de dar suporte a aprendizagem, também serve para dar autonomia e segurança ao estudante. Os dados obtidos nas respostas indicam, principalmente, as dificuldades em compreender como determinados sinais são realizados, por isso muitos estudantes optam pelo dicionário



digital da Língua Brasileira de Sinais 2.0 (LIRA&SOUZA, 2005, 2011) *on-line*⁴, e aplicativos como o *Hand Talk*, *ProDeaf*, *VarLibras*, *Librazuka*, dentre outros, tais opções são em decorrência da melhor precisão e visualização dos sinais para reprodução.

De acordo com os informantes dessa pesquisa, é imprescindível que o material impresso seja de linguagem acessível e visualmente organizada, preferencialmente, com fotos e se possível com índice remissivo dos parâmetros que formam o sinal. Os materiais também devem trazer listas de exercícios de acordo com o nível de aprendizagem e idade conforme o público alvo, este último item nos chama a atenção, e de fato quando há atividades propostas em algumas destas obras verificamos que são voltadas ao público infantil.

É interessante observar que para a maioria dos acadêmicos os textos introdutórios ou informações linguísticas acerca da estrutura da Libras não chamam tanto a atenção, uma vez que estes consulentes buscam um sinal que corresponda a cada palavra da língua portuguesa. Nesse aspecto, novamente reportamos à pesquisa de Sofiato & Reily (2014), em seu estudo comparativo iconográfico e lexical da dicionarização da língua brasileira de sinais a partir de cinco obras, as autoras observam que interessantemente,

Todas as obras analisadas contêm textos introdutórios e que tal aspecto se perpetuou e foi se aprimorando se levarmos em consideração a primeira obra produzida no Brasil. Surge, então, o questionamento: por que as obras destinadas ao ensino da Libras apresentam esses textos e qual seria a finalidade deles? Ao que parece, além da pretensa intenção de ensinar a língua brasileira de sinais, os autores assumem que existe a necessidade de instruir o leitor a respeito da história da educação de surdos e das características da língua considerada alvo, o que sugere que a função dos dicionários está ligada à intenção de ensinar e divulgar a Libras. (SOFIATO& REILY, 2014, p. 122).

⁴Acessos disponíveis em: <http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras/> (2005) e http://www.acessibilidadebrasil.org.br/libras_3/ (2011)

Com efeito, todas as obras que analisamos apresentam significativa quantidade de textos, porém apenas assume no título que é um dicionário, o que também nos leva a outro questionamento: os autores que organizaram as obras teriam conduzido seu trabalho pelo viés da lexicografia? Considerando as características das obras, as atividades profissionais e formação dos autores, pressupomos que não, exceto o dicionário *Deit Libras* que se apresenta como uma obra lexicográfica. Quanto aos estudantes de Libras adultos, esses indicam que o mais viável seria um material que contenha palavra → sinal e o uso em diferentes contextos, além de sugestões de atividades como meio de praticar os sinais. Nesse sentido, entendemos que o foco dos materiais voltados ao ensino da Libras deve estar voltado à lexicografia, com menor preocupação sobre a macroestrutura e maior atenção a microestrutura.

A lexicografia pedagógica pode ser uma pista para a elaboração de futuras obras, de acordo com Krieger (2012, *apud* Durão, 2016, p. 5) “é preciso adequar os tipos de dicionários aos distintos projetos de ensino/níveis de aprendizagem”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, buscamos analisar alguns materiais voltados ao ensino da Libras, sob as lentes do consulente aprendiz dessa língua a nossa intenção foi verificar suas necessidades perante tais obras lexicográficas. Diante os vários problemas apontados, uma das desvantagens está na representação dos sinais que geralmente são por imagens. Essas representações de sinais são unidades holísticas e, como tal, difíceis de pesquisar ou ordenar quando contrastada com a ordem alfabética (ou silábica) dos dicionários de línguas orais. Por exemplo, no Brasil não há dicionários bilíngues (Libras – Português) composto por imagens de sinais seguido de uma ordem baseada na estrutura dos sinais. Em geral, eles ainda tendem a ser bilíngues, unidirecionais e ordenados alfabeticamente com base nas palavras da língua portuguesa. Uma suposição que levantamos é que, embora as obras tenham características de dicionários unidirecionais e semibilíngue, talvez os autores não tenham a intenção voltada a uma obra lexicográfica de cunho



pedagógico, com exceção um dos autores que informa tal intenção na macroestrutura da obra.

Ao buscar um material para estudo, verificamos que o estudante faz a busca de um material que atenda suas expectativas em relação a aprendizagem e ampliação de vocabulário, desconsiderando ou ignorando que a Libras tem uma estrutura própria. O fato de uma grande parte dos estudantes informar que a macroestrutura com informações linguísticas apresenta uma linguagem de pouca compreensão para quem “não é da área de Letras” e, portanto, não seria necessário tal aprofundamento, nos leva a pensar que sua intenção revelada é aprender sinais para usar na estrutura da língua portuguesa, o que poderia causar muitos prejuízos na compreensão e aquisição da Libras.

Consideramos que, até agora, no geral a produção de dicionários em língua de sinais tem sido uma área relativamente complexa no mundo da lexicografia. Contudo, esperamos que os dados apresentados no decorrer desse trabalho possam servir de pistas para a produção de futuras obras lexicográficas voltadas ao ensino da Libras, seja para iniciantes ou não, em diferentes áreas de interesse.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005.** – Regulamenta a Lei nº 10.436 de 24 de abril, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. (Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)

_____. **Lei nº 10.436.** Presidência da República, dispõe a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Brasília, 24 de abril de 2002. (Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)

BUGUEÑO MIRANDA, F. **Panorama da lexicografia brasileira de orientação semasiológica.** In: Battisti, E.; Collischonn, G. (Org.). Língua e linguagem: perspectivas de investigação. Pelotas: EDUCAT, 2011. p.173-206.

_____.BORBA, L. C. (Org.) **Manual de (meta)lexicografia.** 1ª ed. – Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019.

CAPOVILLA, F. C., RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais.** São Paulo: Edusp SP, 2001. Vol. 1 e 2.



_____. RAPHAEL, W. D. MAURÍCIO, A. C. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue Novo Deit-Libras Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Edusp SP, 2012. Vol. 1 e 2.

CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Orgs.); RANGEL, E. O. et. al. **Dicionários Escolares: políticas, formas & usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CARVALHO, O. MARINHO, M. **Contribuições da Lexicografia ao contexto educacional bilíngue de surdos**. In. LIMA-SALLES, Heloísa M. (Org.) *Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais*. Goiânia: Cênone, 2007. p. 119-157.

DA GAMA, F. J. **Iconographia dos signaes dos surdos-mudos**. Rio de Janeiro: Tipografia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

DURÃO, A.; DURÃO, A. **Programa de informações microestruturais do dicionário de Falsos Amigos Português-Espanhol (DiFAPE)**. Revista Trama, Vol. 12 n. 14, 2016.

FELIPE, T.A.; LIRA, G. **A Dicionário digital da língua brasileira de sinais**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, 2005. Disponível em: <http://www.acessobrasil.org.br/>.

_____.GP-Libras-FENEIS. **Dicionário da Libras**. CD-ROM. 2005. Disponível em: <http://www.librasemcontexto.org>

FERREIRA BRITO, L. **Por uma Gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

_____. **O ouvinte e a Surdez: sobre ensinar e aprender a Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

GOLDFIELD, M. **A Criança Surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista**. São Paulo: Plexus, 4ª ed., 2002.

HARTMANN, R. R. K. **Lexicography: Principles and Practice**. London, Tokyo: Academic Press INC, 1983.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. **Livro ilustrado da Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

_____. **Livro ilustrado da Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.

PIMENTA, N.; QUADROS, R. M. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro: LSB Vídeo, 2006.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.



QUADROS, R. M. **Educação de Surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

ROCHA, S. **O INES e a educação de surdos no Brasil**. Vol.1, Rio de Janeiro: INES, 2007.

SOFIATO, C.; REILY, L. **Dicionarização da língua brasileira de sinais: estudo comparativo iconográfico e lexical**. Educ. Pesquisa, São Paulo, v. 40, n. 1, p. 109-126, jan/mar. 2014.

STREIECHEN, E. **LIBRAS aprender está em suas mãos**. Curitiba: CRV, 2013.

STROBEL, K. L. **Falando com as Mãos**. Curitiba: SEED/PR/ DEEIN, 1998.

VELOSO, E. MAIA, V. **Aprenda LIBRAS com eficiência e rapidez**. Curitiba: Mãos Sinais, 2009. Vol. 1 e 2.

Recebido Para Publicação em 27 de setembro de 2019.

Aprovado Para Publicação em 07 de novembro de 2019.